

TRADUÇÃO

[ATEÍSMO METODOLÓGICO VS. AGNOSTICISMO METODOLÓGICO]

METHODOLOGICAL ATHEISM VS. METHODOLOGICAL AGNOSTICISM

Matt Sheedy¹ (organizador do texto original)
Fábio L. Stern² (tradutor)

INTRODUÇÃO DOS TRADUTORES

Esse texto foi organizado por Matt Sheedy, co-editor da seção “*blog*” do periódico *Bulletin for the Study of Religion*, e disponibilizado originalmente em 13 de janeiro de 2016. O *Bulletin for the Study of Religion* é uma revista da editora britânica Equinox Sheffield, em associação com a Sociedade Norte-Americana de Ciência da Religião (*North American Society for the Study of Religion*, N.A.A.S.R.). A discussão é baseada em um tópico do Facebook, no qual dois estudiosos debateram um ensaio recente, que apareceu no *Journal of the American Academy of Religion* (v. 84, n. 2, 2016), intitulado “*Must a Scholar of Religion be Methodologically Atheistic or Agnostic?*” (“Um cientista da religião deve ser metodologicamente ateuista ou agnóstico?”, em português), de Michael A. Cantrell. Em 17 de janeiro de 2016 a seção publicou também uma resposta de Matt Baldwin, professor da Mars Hill College, em North Carolina, Estados Unidos. A resposta pode ser encontrada traduzida ao final desse texto. A seguir, está a tradução integral da discussão.

...

Carl Stoneham: O resumo [do artigo] está correto sobre [o ateísmo metodológico] não ser nem neutro, nem objetivo. Teologia é teologia, independente de seu fim metodológico. O

¹ PhD em Religious Studies (University of Manitoba, Winnipeg, Canada). matt_sheedy@umanitoba.ca

² Doutorando em Ciência da Religião (PUC-SP). caoihim@gmail.com

Revisado por Matheus Oliva da Costa, doutorando em Ciência da Religião (PUC-SP). matheusskt@hotmail.com

agnosticismo metodológico é uma posição muito mais coerente, em minha humilde opinião, a cientistas da religião.

Zeba Crook: A reclamação de que o ateísmo metodológico não é neutro é uma falácia. Ninguém alega que o ateísmo metodológico é neutro. Alegamos que ele simplesmente é uma característica da Ciência da Religião acadêmica. A Ciência da Religião é analítica/ética, e não experiencial/êmica. Uma amiga minha coloca da seguinte forma: uma zoóloga não pergunta a um elefante como é ser elefante; ela estuda o elefante. Um biólogo não tenta imaginar a experiência de um sapo antes de dissecá-lo e tentar entender como ele funciona. As religiões podem ser estudadas analiticamente, eticamente, de fora, como em qualquer outra disciplina analítica. Elas também podem ser estudadas como um membro, adepto e praticante, honrando as experiências de seus companheiros simpatizantes e suas reivindicações internas de autoridade. Mas essa é uma disciplina totalmente diferente da ciência da religião. Não se trata de neutralidade, mas de fronteiras disciplinares.

Carl Stoneham: O ateísmo – mesmo quando empregado metodologicamente – não é uma posição “de fora” (ao menos na medida em que oferece uma resposta clara à pergunta de se Deus existe). O biólogo não afirma que o sapo não tem experiência alguma. E embora eu não esteja certo se concordo quanto à questão da neutralidade metodológica ser uma falácia, concordo contigo no que diz respeito às fronteiras disciplinares. Bem dito.

Zeba Crook: Nem o cientista da religião metodologicamente ateu nega que as pessoas possuam experiências religiosas! Quem é que faz uma afirmação dessas?! Claro que as pessoas possuem experiências que classificam como religiosas. O trabalho do cientista da religião é analisar e contextualizar as alegações e descrições dessas experiências (se for do interesse dele, o que não é do meu).

Carl Stoneham: Para começar, a analogia com a bióloga não se dirige bem ao ateísmo metodológico, é mais adequada ao agnosticismo metodológico. Então antes que eu prossiga, do que estamos falando? O artigo supracitado fala do ateísmo metodológico, mas suas analogias são exemplos de agnosticismo metodológico (meu contraexemplo foi uma tentativa de voltarmos ao ateísmo metodológico). Devo também acrescentar que esse pode ser um debate que se resume a nada menos que a utilização de Berger para o termo “ateísmo”, que

realmente é mais bem descrito como agnosticismo. Isto é, o ateísmo não põe em suspensão as afirmações religiosas de verdade. Em vez disso, ele declara que elas são falsas.

Zeba Crook: Interessante. Realmente ilustra a necessidade e a dificuldade das definições. Na minha cabeça, o ateísmo metodológico é a posição da qual toda explicação e análise (a Ciência da Religião) devem partir ou defender, “como se” não houvesse Deus. Assim, por exemplo, ao tentar explicar porque a religião messiânica que seguia Jesus sobreviveu e outra religião messiânica não, a “ressurreição” não é uma explicação. O acadêmico deve trabalhar com o posicionamento de que pessoas mortas continuam mortas. É aí que podemos começar a fazer as perguntas que realmente interessam: Por que algumas pessoas vivenciam Jesus como ressuscitado? Como podemos entender/analisar/contextualizar suas experiências e suas alegações? Que modelos existem para explicar a sobrevivência dessa religião e não de outras? Como funcionam retoricamente as alegações das vivências de ressurreição? E assim por diante. Nenhuma dessas questões é necessária se Deus simplesmente levantou Jesus dos mortos. Acho que o agnosticismo metodológico pode não ser forte o bastante. E não³, o biólogo não é “agnóstico” no que diz respeito ao *design* divino explicar algum mistério da fisiologia do sapo. O biólogo, que também pode ser cristão, provavelmente assume, por uma questão de princípio disciplinar, que a explicação para o “mistério do sapinho” jaz na genética, na evolução, no meio ambiente.

Carl Stoneham: Esses são argumentos excelentes, então me deixe acrescentar alguns detalhes ao meu posicionamento. Como vejo, o problema do ateísmo metodológico é que, por exemplo, a explicação do porquê a religião de Jesus sobreviveu e outras não sobreviveram, poderia ser porque Jesus, de fato, era o messias e outros não (eram). Essa não é a minha opinião, mas não obstante ela é logicamente possível. Ademais, não temos as ferramentas (até onde sei) para demonstrar que a religião de Jesus sobreviveu *não* por causa do *status* de Jesus como o messias verdadeiro. Como efeito, o cientista da religião enfrenta uma situação difícil quando tenta explicar a sobrevivência do cristianismo e não, digamos, do macabeísmo. O problema do ateísmo metodológico é que ele assume que ao menos uma das respostas plausíveis ao problema não lhe pode ser uma resposta, mas não é capaz de provar o por quê dessa resposta não poder ser uma resposta. Como tal, cai na mesma coisa da qual acusa os pesquisadores confessionais de fazerem: parte de uma preposição que não se sustenta apenas

³ N.T.: Originalmente o aposto está na afirmativa, e o resto da oração está na negativa. Para evitar má interpretação dos leitores de língua portuguesa, traduzimos ambas as frases na negativa.

ao recorrermos a certo conjunto de ferramentas críticas “desse mundo”. Talvez sendo um pouco simplista, o ateísmo metodológico se justifica por causa do... ateísmo. Acho que o agnosticismo adota uma postura mais honesta à medida que reconhece que o cientista da religião não está equipado com ferramentas para adjudicar esse tipo de declaração de verdade, então coloca isso entre parênteses e busca informações em outras áreas. O ateísmo metodológico não coloca a questão entre parêntese, ele a responde com muita clareza. Não estou sugerindo que porque a alegação teológica não pode ser refutada ela *precisa* ser considerada como uma possibilidade. Ao invés disso, só quero ser mais cuidadoso sobre como tratamos essa alegação. Metodologicamente, o ateísmo não parece ser a resposta adequada, especialmente visto que podemos um dia ter as provas para julgar essas alegações. O agnosticismo metodológico parece ser mais à “prova do futuro”⁴, se preferir.

Zeba Crook: Acho que você está confundindo as coisas, Carl. O ateísmo metodológico, a meu ver pelo menos, diz respeito sobre se aceitamos Deus como uma explicação para as coisas, e não se aceitamos todas as alegações de verdade dos crentes. É ateísmo metodológico dizer que precisamos explicar a sobrevivência do cristianismo de uma forma que não dependa do poder de Deus. A declaração de que Jesus não era e não poderia ter sido o messias é uma declaração teológica. Acho que as únicas pessoas que fazem essa afirmação contundente são os polemistas, não os cientistas da religião. Então o seu argumento de que o ateísmo metodológico elimina explicações potenciais (ex., de que Jesus era realmente o messias) não é um exemplo de ateísmo metodológico.

Carl Stoneham: Novamente, a resposta para a questão poderia muito bem ser a resposta que você descartou: Deus. Se o objetivo de escolher nossa metodologia é colocar entre parênteses nossas próprias crenças tanto quanto o possível, por que temos que escolher uma metodologia que cunha tal crença em todo o nosso estudo? Esse é efetivamente o outro lado da mesma moeda da qual acusamos os apologistas: descartar uma possibilidade (no caso deles, de que Deus *não está* por trás de tudo) sem provar por que tal possibilidade não pode realmente ser a resposta. Se podemos culpá-los por descartarem, por exemplo, fatores sociológicos para o surgimento do cristianismo, certamente eles podem nos culpar por descartarmos os fatores divinos? É por isso que advogo pelo agnosticismo metodológico. Ele reconhece explicitamente as limitações de nossas ferramentas críticas e permite que sempre haja uma

⁴ N.T.: “future-proof”, no original, em trocadilho com “bullet-proof”. Stoneham pretendeu dizer que o posicionamento do agnosticismo metodológico tem menos chances de se tornar problemático no futuro.

solução possível adicional, que pode complementar/derrubar nossas próprias teorias. Está mais próximo da ciência real, visto que não descarta essas possibilidades às quais esse conjunto de ferramentas não foi desenvolvido, e ao invés disso as coloca em suspenso. Não vejo que o ateísmo metodológico realmente consiga colocar qualquer coisa em suspenso.

Zeba Crook: Carl, você perguntou “se o objetivo de escolher nossa metodologia é colocar entre parênteses nossas próprias crenças tanto quanto o possível, por que temos que escolher uma metodologia que cunha tal crença em todo o nosso estudo?” Simples! Porque é o trabalho da erudição construir fronteiras disciplinares, e uma das fronteiras que distinguem a Ciência da Religião acadêmica do suporte, da defesa, da apreciação e da prática da religião (todas causas nobres) é – e deve ser – o ateísmo metodológico. E por que não seria? Novamente, biólogos podem ser cristãos (ou judeus, ou muçulmanos), mas não está dentro das fronteiras disciplinares da biologia usar Deus como explicação para os mistérios ou processos biológicos. Isso sequer é motivo de debate em qualquer campo que não seja a Ciência da Religião. Nós gastamos muito tempo discutindo sobre algo que todas as outras disciplinas dão por certo, e só porque pessoas religiosas têm um ataque de nervos com a perspectiva de que suas crenças não sejam aceitas de cara.

Carl Stoneham: (Acho que provavelmente irei longe demais agora, mas colocarei mesmo assim esse argumento). [Você disse que] “[...] cientistas da religião não deveriam operar diferente dos cientistas de outras disciplinas”. Verdade, mas os cientistas da religião são os únicos que estudam uma matéria que é explicitamente sobre “Deus” (seja lá como conceituemos isso) e sobre o papel de “Deus” na história, então é claro que nossas ferramentas precisam ser capazes de lidar com isso, ao invés de simplesmente declarar que está além dos limites. Se tudo o que buscamos é estudar os restos arqueológicos de um templo hindu, ou perguntar qual a melhor forma de traduzir uma inscrição marginal em um texto hebraico antigo, realmente não precisamos do ateísmo metodológico, certo? Já temos essas disciplinas e elas já estabeleceram as fronteiras. A existência ou não de Deus não influencia em nada se traduzo corretamente a palavra “*riach*” ou se percebo que esse obelisco apontava ao leste porque era onde se presumia que o deus-sol nascia. Então por que precisamos do ateísmo metodológico, no final das contas? Consigo ver como a presença do Império Romano, etc. etc. etc., ajudou a espalhar o Evangelho, e assim por diante, sem a necessidade de qualquer tipo de ateísmo metodológico. Não é como se perguntássemos “por que o Evangelho foi tão atraente?”. Precisamos empregar um ateísmo metodológico justamente nos

lugares onde se caminha sobre respostas “religiosas” que apresentam alto grau de plausibilidade. Sendo assim, se estamos estabelecendo fronteiras disciplinares traçando linhas que categorizam um conjunto de respostas plausíveis como fora de questão, podemos ao invés disso estar estabelecendo mordanças disciplinares. Ao menos com o agnosticismo metodológico reconhecemos a plausibilidade dessas respostas e as colocamos entre parênteses até que tenhamos as ferramentas para considerá-las. Claro, os teólogos dizem que já temos essas ferramentas, mas isso tanto faz.

Zeba Crook: Essa conversa está sendo ótima, Carl (mas por que somos os únicos a estar conversando!?). [Você disse:] “verdade, mas os cientistas da religião são os únicos que estudam uma matéria que é explicitamente sobre ‘Deus’”. Essa é a dificuldade! Pessoas religiosas comumente querem que a Ciência da Religião opere diferente das outras disciplinas por causa disso: porque é sobre Deus. O que é estranho, porque se você acredita em Deus, você pode facilmente dizer que tudo é por causa de Deus: a sociedade, a economia, a saúde e a medicina, a beleza da literatura e da música, a matemática e a física etc. Mas eles (os religiosos) geralmente permitem que as disciplinas associadas a essas coisas possam operar diferentemente. E sim, traduções podem, de fato, ser profundamente teológicas. O *koiné* era comumente visto (e talvez ainda seja por alguns) como imaginado por Deus como a única forma do idioma grego designada para se comunicar com a plebe do Mediterrâneo Antigo. Um grande milagre teve que ser planejado para legitimar a Septuaginta. Deus está em tudo! Mas é uma alegação que eu rejeito completamente. As pessoas que eu estudo acreditam que Deus age através da história. Elas podem até mesmo acreditar que Deus favoreceu os Aliados na Segunda Guerra Mundial. Óbvio que, como um historiador, posso simplesmente rejeitar essa alegação. Não preciso colocar isso educadamente em suspensão com o agnosticismo metodológico! Aquelas mesmas pessoas acreditam que do mesmo jeito que Deus favoreceu os Aliados, ele também levantou Jesus dos mortos, o que explicaria o sucesso impressionante do cristianismo enquanto outros movimentos messiânicos falharam. Então por que o historiador pode descartar rapidamente uma explicação teísta da história do mundo, mas eu não posso descartar as explicações teístas da história das religiões? Acho que cabe aos cientistas da religião se encaixarem na Academia, e não se esconderem em um canto especial do mundo acadêmico porque acham que seu objeto de estudo é inerentemente diferente.

Carl Stoneham: “Essa conversa está sendo ótima, Carl (mas por que somos os únicos a estar conversando!?)”. Há! Eu tinha conversas assim na Southern Methodist University, e

usualmente ficava do lado que você está. [Você disse que eles] “[...] acham que seu objeto de estudo é inerentemente diferente”. Não é que o objeto de estudo seja inerentemente diferente, mas sim que as ferramentas que utilizamos podem não ter escopo suficiente para dar conta do assunto. Pode ser uma analogia boba, mas o que me vem à mente é um biólogo que pratica “amicropismo metodológico”, escolhendo estudar micróbios usando apenas o olho nu. Com certeza eu não diria que biólogos não podem fazer qualquer contribuição significativa, mas de fato que essa contribuição é dificultada por um conjunto incompleto de ferramentas. É isso o que considero que o ateísmo metodológico está fazendo. Agora se o biólogo dissesse algo como “microscópios não me atraem, então vou estudar micróbios a olho nu, mas tenho consciência de que eu poderia estar deixando passar alguma coisa importante”, sinto como se fosse articulada uma abordagem mais honesta. Para ser claro, não estou dizendo que, como um historiador da religião, você deve considerar Jesus, o messias real, como um fator em seu trabalho. Eu atacaria fortemente aqueles que exigissem isso de você. Ao mesmo tempo, acho que sua historiografia devia se debruçar sobre as questões teológicas com uma abordagem agnóstica, ao invés de uma abordagem ateísta. [Você perguntou] “então por que o historiador pode descartar rapidamente uma explicação teísta da história do mundo, mas eu não posso descartar as explicações teístas da história das religiões?” Se por “descartar” você quer dizer ignorar por falta de credibilidade, então para mim parece que a resposta seria porque não foi provado que lhes falta credibilidade. É aqui onde acho que a porção “ateísmo” do ateísmo metodológico cai por terra. Se você escolhe ignorar explicações teístas porque suas ferramentas simplesmente não estavam equipadas para considerá-las, não vejo muita diferença entre isso e um biólogo que não considera a aceleração causada pela gravidade de um elefante em órbita. (Isso foi estúpido, mas talvez tenha expressado minha opinião). Isso é o que acho que o agnosticismo metodológico faz: reconhece que as ferramentas simplesmente não estão equipadas para responder essas questões, mas que o escopo explicativo *pode* ter diminuído como resultado disso. O ateísmo metodológico parece declarar que não há diminuição porque as explicações teístas não oferecem qualquer conhecimento.

Zeba Crook: Acho que não fui claro. É óbvio que a crença em Deus faz as pessoas agirem. Também é óbvio que provavelmente a crença na ressurreição explica em partes a sobrevivência do cristianismo. O ateísmo metodológico não desconsidera que as pessoas acreditam na ressurreição. E não desconsidera que as crenças entre os cristãos dos Estados Unidos inspiraram o anti-intervencionismo. O ateísmo metodológico desconsidera as afirmações de que Deus levantou Jesus dos mortos como uma explicação para o porquê das

pessoas acreditarem na ressurreição. É muito improvável simplesmente. Que acreditam nisso é certo, e importante. Se isso de fato aconteceu é material para teólogos explicarem sua religião, mas não é aceitável para explicar a história. Ficou mais claro? Como um ateu metodológico, não desconsidero que *pessoas* acreditam em coisas. Essa é a diferença entre “o cristianismo sobreviveu em parte porque as pessoas acreditavam na ressurreição” e “o cristianismo aconteceu porque Jesus levantou dos mortos”. A primeira declaração é consistente com o ateísmo metodológico, e não desconsidera as experiências religiosas das pessoas. A segunda é teologia; uma bela disciplina, mas diferente da Ciência da Religião, e que por nenhum motivo precisa adotar o ateísmo metodológico.

Carl Stoneham: Esse foi um esclarecimento útil, embora acho que acabei de esfregar minhas mãos como um gênio do mau. Não vou jogar minhas cartas ainda, prefiro dormir com seu último comentário. Ainda estou inclinado a discordar de que o que as pessoas acreditam “é simplesmente muito improvável” de ter acontecido (ex.: eu acredito em diversas coisas porque elas aconteceram) e que, por negar isso como uma explicação possível, você se impede de ser capaz de explicar por que ao menos algumas pessoas acreditaram (ou talvez você pudesse mostrar que isso *não* aconteceu e então você teria uma boa razão para dizer que não é provável). Mas como eu disse, quero dormir e revisitar isso amanhã, para ter certeza de que estou seguindo o caminho correto. E se você quiser me desviar (do caminho) antes mesmo de eu chegar lá, sinta-se livre para responder aos meus esforços de refutação que acabei de lhe oferecer.

Resposta de Matt Baldwin:

É divertido e interessante ler essa discussão, mas não consigo ver onde o ateísmo e o agnosticismo metodológico foram distintos adequadamente um do outro. Nenhuma das duas posições admite explicações teístas, mágicas ou sobrenaturais para os fenômenos históricos. Nenhuma das duas posições metodológicas pode observar o sobrenatural nos objetos de estudo, nos dados e, portanto, nenhuma das posições faz alegações sugestivas como “Jesus ressuscitou na primavera do ano 30” etc. Nenhum dos posicionamentos se pautaria em uma “explicação” de fenômenos observáveis (como, por exemplo, o querigma primitivo cristão de que Cristo levantou dos mortos e apareceu a seus discípulos) fazendo uma declaração que

presumisse fenômenos não observáveis (por exemplo, um ser humano levantando, de fato, dos mortos).

A meu ver eles diferem apenas em julgamentos meta-históricos, que não interfeririam em suas explicações reais, o que seria, em minha teoria, isomórfico, pois ambos empregam apenas esquemas explicativos naturistas.

O ateísmo, então, vai além dos dados que estão sendo analisados para fazer afirmações dogmáticas sobre o porquê de não termos certos tipos de dados para explicar. Essa é uma aplicação filosófica construtiva da pesquisa e é, dessa forma, uma espécie de teologia (afinal de contas, o ateísmo envolve tornar explícitos certos *logoi* a respeito dos *theoi*).